

PRIMEIRA PARTE



MARIB, IÉMEN

CAPÍTULO 1

Um homem vestido com os trajos brancos de beduíno, Bulus ibn al-Darwish, conhecido também pelo nome de guerra da Al-Qaeda como Al-Numair — o Leopardo —, estava ao pé do grupo de turistas belgas.

Os belgas tinham chegado de Sana num *minibus*, quatro homens e cinco mulheres, com um motorista e o seu guia turístico iemenita, um homem chamado Wasim al-Rahib. O motorista ficara no *minibus* com ar condicionado, ao abrigo do sol quente de agosto.

O guia turístico, Wasim, não falava francês, mas o seu inglês era bom, e uma das belgas, Anette, uma rapariga com cerca de dezasseis anos, também falava inglês e ia traduzindo em francês para os seus compatriotas.

Wasim disse para o seu grupo:

— Este é o famoso Templo de Baran, também conhecido como Arsh Bilqis, o trono da rainha de Sabá.

Anette traduziu e o grupo de turistas assentiu e começou a tirar fotografias.

Al-Numair, o Leopardo, observou as ruínas do complexo do templo — mais de quatro quilómetros quadrados de muros de arenito castanho, sobre colunas quadradas e pátios abertos, a crestar ao sol do deserto. Os arqueólogos americanos e europeus tinham passado muitos anos e gastado muito dinheiro a descobrir aquelas ruínas pagãs — e haviam partido por causa das desconfianças tribais e, mais recentemente, pela atividade da Al-Qaeda. Um enorme desperdício de tempo e de dinheiro, pensou o Leopardo. Ansiava pelo dia em que os turistas ocidentais deixariam de vir e em que aquele templo e as ruínas pagãs que o rodeavam regressariam às areias inconstantes do deserto.

O Leopardo olhou para lá do complexo do templo, para a vegetação esparsa e para as poucas tamareiras. Sabia que em tempos antigos aquilo ali tinha sido muito mais verde e mais habitado. Agora o deserto chegara, vindo do leste — do Hadhramawt, que significava «O Lugar onde a Morte Chega».

Wasim al-Rahib lançou uma olhadela ao beduíno alto e barbudo e interrogou-se porque se teria ele juntado ao grupo dos turistas belgas. Wasim tratara das coisas com o xeque da tribo local, Musa, pagando-lhe cem dólares americanos pelo privilégio de visitar aquele sítio histórico nacional. Além disso, evidentemente, o dinheiro comprava a paz; a promessa de que os homens das tribos beduínas não iriam perturbar nem molestar de forma alguma o grupo de turistas. Por isso, interrogava-se Wasim, porque estava aquele beduíno ali?

O Leopardo reparou que o guia turístico olhava para ele e devolveu o olhar até Wasim se voltar novamente para o seu grupo.

Não havia mais turistas no templo naquele dia; apenas um ou dois grupos por semana se aventuravam a sair da capital, duzentos quilómetros a oeste. O Leopardo recordava-se de quando estas ruínas famosas atraíam mais ocidentais, mas infelizmente, devido às notícias recentes sobre a atividade da Al-Qaeda nesta província do Marib, muitos turistas mantinham-se à distância. Sorriu.

Também por causa desta situação, os belgas tinham vindo com uma escolta armada de vinte homens do Gabinete de Segurança Nacional, uma força policial paramilitar, cujo trabalho era proteger os turistas nas estradas e nos locais históricos. Os turistas pagavam aquele serviço, que era dinheiro bem gasto, pensava o Leopardo. Mas, infelizmente para estes ocidentais, os polícias também tinham sido pagos para se irem embora, o que estavam prestes a fazer.

Wasim prosseguiu:

— Este templo também é conhecido como o Templo da Lua e era dedicado à deusa nacional do estado do Sabaen, que se chamava Almaqah.

Enquanto a rapariga belga traduzia, Wasim olhou de novo para o homem barbudo com vestes beduínas que estava demasiado próximo do seu grupo de turistas. Queria dizer-lhe alguma coisa, mas sentia-se desconfortável a respeito dele, e em vez disso disse ao seu grupo:

— Isto foi mil e quinhentos anos antes de o profeta Maomé iluminar o mundo e vencer os pagãos.

O Leopardo, que também falava inglês, assentiu em aprovação ao ouvir a última frase do guia.

Observava os turistas belgas. Havia dois casais já idosos, que aparentemente se conheciam, e que pareciam incomodados debaixo do sol ardente.

Havia também um homem e uma mulher, talvez com vinte e muitos, e o Leopardo viu que não usavam alianças de casamento, apesar de estarem obviamente juntos, por vezes de mãos dadas. O homem e a mulher que sobreviviam estavam também juntos como casal e a rapariga que traduzia parecia ser filha deles ou da sua família. Reparou também que as mulheres tinham coberto os cabelos com *hijabs*, um sinal de respeito pelos costumes islâmicos, mas que nenhuma delas tapara o rosto como seria devido. O guia deveria ter insistido, mas ele era um criado dos infieis.

Todos eles eram viajantes aventureiros, pensou o Leopardo. Gente curiosa, talvez próspera, a apreciar a sua excursão vindos de Sana, onde estavam hospedados no Hotel Sheraton, como ele sabia. No entanto, talvez esta excursão fosse mais difícil e aventureira do que lhes tinham dito na agência de viagens. Naquele momento, imaginava ele, poderiam estar a pensar no conforto do seu hotel, no bar e na sala de jantar. Interrogou-se também se alguns deles pensariam nas questões da segurança. Isso seria um pensamento apropriado.

Mais uma vez, Wasim lançou uma olhadela ao beduíno, que se aproximara ainda mais do seu pequeno grupo de turistas. O homem, achava ele, não teria ainda quarenta anos, embora a barba e a pele bronzeada o fizessem parecer mais velho. Wasim reparou também que usava a *jambiyah* cerimonial — a adaga curva do Iémen, usada por todos os homens no Norte do país. O seu *shival*, a cobertura da cabeça, não era elaborada nem bordada com fio de ouro dispendioso; portanto, não se tratava de um homem importante, não era um xeque tribal nem o líder de um clã. Talvez então o beduíno estivesse ali para pedir esmola aos ocidentais. Apesar de Wasim ter pagado ao xeque Musa para manter os homens das tribos à distância, se este beduíno pedisse esmola, Wasim dar-lhe-ia algumas centenas de *rials* e dir-lhe-ia que fosse em paz.

Wasim dirigiu-se novamente ao seu grupo:

— Este templo, segundo creem alguns que praticam a fé mórmone americana, foi o local para onde fugiu o profeta mórmone Lehi, vindo de Jerusalém, no século sexto antes da era moderna. Foi aqui, segundo os eruditos mórmones, que Lehi sepultou o profeta Ismael. E depois Lehi construiu um grande navio para si e para a família e partiu para a América.

Anette traduziu e um dos turistas fez uma pergunta, que a rapariga converteu em inglês para Wasim, que sorriu e respondeu:

— Sim, como podem ver, não há nenhum oceano aqui. Mas acredita-se que nos tempos antigos existia aqui muita água, ainda do grande dilúvio de Noé; rios, talvez.

A rapariga traduziu e os belgas assentiram.

— Sigam-me, por favor — pediu Wasim. Subiu os catorze degraus de pedra e foi pôr-se diante das seis colunas quadradas, cinco das quais se erguiam a vinte metros de altura, enquanto a sexta estava partida ao meio. Esperou que o grupo se juntasse a ele e a seguir disse:

— Se olharem para oeste, vão ver as montanhas onde as tribos locais acreditam que a Arca de Noé veio parar.

Os turistas tiraram fotografias às montanhas distantes e não repararam no homem barbudo que subira os degraus na sua direção.

Wasim, contudo, reparou e disse ao beduíno em árabe:

— Por favor, senhor, isto é um grupo turístico privado.

Al-Numair, o Leopardo, respondeu em árabe:

— Mas eu também quero aprender.

Wasim, mantendo um tom respeitoso na voz, respondeu ao beduíno:

— O senhor não fala inglês nem francês. O que pode aprender?

O Leopardo respondeu em inglês:

— Sou um pobre que vem receber os turistas com os seus melhores trajes tribais, senhor.

Wasim ficou surpreendido com o inglês perfeito do homem e respondeu em árabe:

— Obrigado, mas o xeque Musa garantiu-me que...

— Por favor, senhor — insistiu o beduíno em inglês —, deixe-me posar com os seus amigos ocidentais. Cem *rials* por cada fotografia.

Anette ouviu isto e traduziu para francês para os seus compatriotas, que pareciam ansiosos com a troca de palavras entre os dois árabes. Ao ouvirem do que se tratava, sorriram e concordavam que seria uma boa ideia — uma excelente recordação para levarem para casa.

Wasim acedeu aos desejos dos seus clientes e fez um gesto ao beduíno para que avançasse.

Os belgas começaram a posar ao lado do beduíno alto e barbudo, primeiro individualmente e depois em pequenos grupos. O beduíno sorria para cada fotografia e colaborou bastante com os turistas quando lhe pediram que andasse pelo templo para lhe tirarem várias fotografias no cenário das ruínas.

Um dos homens mais velhos pediu-lhe que pegasse na adaga, mas o beduíno explicou quase em tom de desculpa que, se a *jambiyah* fosse empunhada, teria de ser usada. Ao ouvir a tradução de Anette, o belga idoso disse aos seus compatriotas:

— Então não lhe vamos pedir que empunhe a adaga. — E todos se riram.

Mas Wasim não se riu.

O guia olhou para o relógio. Apesar de terem saído de Sana às oito da manhã, o autocarro só chegara à cidade de Marib depois do meio-dia. Os turistas tinham almoçado, demasiado devagar, achara ele, no restaurante turístico do Hotel Bilqis, e Wasim tivera de esperar muito tempo pelo xeque Musa, que lhe exigira duzentos dólares americanos, dizendo-lhe:

— As outras tribos estão a levantar problemas, por isso tenho de lhes pagar para que vos permitam passar em segurança no regresso a Sana.

Wasim já ouvira isto antes, mas explicou ao xeque, como sempre fazia:

— Os turistas já pagaram um preço fixo à agência de viagens em Sana e um preço pela escolta da Polícia. Não lhes posso pedir mais. E não há nenhum lucro para mim se eu lhe der mais dinheiro — mas, como sempre, Wasim prometeu: — Fica para a próxima vez.

O xeque e o guia turístico de Sana tinham concordado em cem dólares, mas Wasim decidira que não haveria próxima vez. A estrada de Sana para o Marib tornava-se insegura, e não eram apenas as tribos que as tornavam perigosas, era também este novo grupo, a Al-Qaeda, que chegara àquela área no ano anterior. A maioria eram estrangeiros — sauditas, gente do Kuwait e do vizinho Omã, e também iraquianos que tinham fugido da sua pátria, aos americanos. Wasim achava que aquelas pessoas iriam trazer a morte e a infelicidade ao Iémen.

Com efeito, o xeque Musa dissera-lhe:

— Estas pessoas da Al-Qaeda estão a tornar-se um problema. São atraídas pelos poços de petróleo e pelos oleodutos americanos e juntam-se como lobos, à espera de uma oportunidade para atacar.

O xeque acrescentara ainda a Wasim:

— Não consegue comprar estas pessoas, meu amigo, e a Polícia não vos pode proteger delas, mas eu posso. Trezentos dólares.

Mais uma vez, Wasim recusara fazer o pagamento extra e o xeque Musa encolhera os ombros e dissera:

— Talvez para a próxima vez.

— Sim, para a próxima vez. — Mas o guia tinha a certeza de que não haveria próxima vez.

Wasim al-Rahib, um universitário com uma licenciatura em história antiga, não conseguira encontrar emprego como professor, nem noutro lado qualquer, a não ser naquela agência de viagens. Recebia razoavelmente e os turistas eram generosos com as gorjetas, mas estava a tornar-se um trabalho perigoso. E também era perigoso para os turistas, apesar de a agência não dizer isso. Todos os roteiros — escritos há anos — diziam: «Não se pode partir do Iémen sem ver as ruínas do Marib.» Bem, pensava Wasim, iriam ter de as ver sem ele.

O guia observava os turistas, agora a falar com o beduíno através da tradução da rapariga para inglês. Parecia bastante amável, mas tinha qualquer coisa de invulgar. Não parecia um beduíno. Estava demasiado à vontade com aqueles estrangeiros e falava inglês. Muito invulgar, a não ser que trabalhasse para os americanos na exploração de petróleo.

Em todo o caso, passava das três da tarde e ainda não tinham visitado o Templo do Sol. Se ficassem ali mais tempo, iriam fazer a viagem para Sana ao anoitecer. E não era nada bom andar na estrada depois de escurecer, mesmo com a escolta policial, que também não queria circular de noite.

Wasim falou em inglês para a jovem e para o beduíno:

— Temos de ir agora. Obrigado pela sua hospitalidade, senhor.

Mas os belgas queriam uma fotografia do grupo inteiro com o beduíno, tirada por Wasim. Por isso, a pensar na gorjeta, o guia concordou e tirou as fotografias com quatro máquinas diferentes.

Wasim disse então para a rapariga belga:

— Acho que se derem mil *rials* a este senhor, ele ficará bastante satisfeito. — Assegurou-se de que ela tinha percebido. — Serão cerca de cinco euros. É um dia de salário muito bom para este senhor simpático.

Anette recolheu o dinheiro e entregou-o ao beduíno, dizendo:

— Obrigada, senhor.

O beduíno aceitou a oferta e respondeu:

— Não tem nada que agradecer. — E acrescentou para a rapariga: — Por favor, diga aos seus compatriotas que Bulus ibn al-Darwish lhes deseja uma visita feliz e segura ao Iémen.

Wasim olhava para norte, para onde o *minibus* ficara estacionado na estrada, por trás da camioneta do Exército que trouxera a Polícia de Segurança. O autocarro continuava ali, mas a camioneta já não. De facto, Wasim não conseguia ver nenhum dos polícias da Segurança Nacional, com os característicos uniformes azuis camuflados.

Wasim fez uma chamada pelo telemóvel para o comandante da Polícia, mas não obteve resposta. A seguir ligou para o motorista do autocarro, Isa, que era primo da sua mulher. Mas Isa não atendeu o telemóvel.

O guia olhou então para o beduíno, que também olhava para ele, e compreendeu o que estava a acontecer. Inspirou fundo para manter a voz firme e disse ao beduíno em árabe:

— Senhor, por favor... — Wasim abanou a cabeça e disse: — Isto é uma coisa muito má.

O beduíno alto respondeu:

— Tu, Wasim al-Rahib, é que és uma coisa muito má. És um criado dos infieis, mas devias ser um servo de Alá.

— Eu sou verdadeiramente seu servo...

— Cala-te.

O beduíno levantou o braço direito, fazendo um sinal, e a seguir baixou-o e olhou para Wasim e para os belgas, mas não disse nada.

Os quatro homens e as cinco mulheres olhavam para o guia, à espera de que ele lhes explicasse o que acontecia. Era evidente que alguma coisa se passava, apesar de alguns minutos antes toda a gente estar a sorrir e a posar para as fotografias.

Wasim evitou os olhares preocupados do grupo.

Anette perguntou a Wasim em inglês:

— O que se passa? Não lhe demos o suficiente?

Wasim não respondeu, por isso, Anette dirigiu-se ao beduíno em inglês:

— Há algum problema?

Al-Numair, o Leopardo, respondeu-lhe:

— Vocês são o problema.

Os belgas começaram a perguntar a Anette o que dissera, mas ela não respondeu.

A seguir, um dos homens do grupo exclamou: «Regardez!» e apontou.

No pátio do templo, mais abaixo, onde eles tinham estado, um grupo de cerca de doze homens surgiu subitamente dos recantos escuros das ruínas, vestidos com trajes beduínos e empunhando espingardas *Kalashnikov*.

Ao princípio, os turistas ficaram em silêncio, mas depois, assim que os beduínos começaram a correr pelos degraus acima, uma mulher gritou.

A seguir tudo aconteceu muito depressa. Dois dos beduínos apontaram as espingardas aos belgas enquanto os outros lhes prendiam as mãos atrás das costas com fita adesiva.

Anette gritou para Wasim:

— O que está a acontecer? Porque estão eles a fazer isto?

O guia, cujos pulsos também tinham sido amarrados, ao princípio teve medo de falar, mas recuperou a voz e disse:

— É um rapto. Não tenham medo. Eles raptam pessoas para receberem dinheiro. Não nos vão fazer mal.

Enquanto dizia isto, Wasim esperava que fosse verdade. Um rapto tribal de ocidentais. Era uma coisa comum — chamava-se a isto um rapto de hóspedes — e eles iriam passar uma semana, talvez duas, com uma tribo até que o dinheiro fosse entregue. E a seguir seriam libertados. Ele sabia que estes raptos normalmente acabavam bem, que os ocidentais raramente eram magoados e que nunca eram mortos, a menos que o Exército interviesse e tentasse libertar as pessoas.

Anette, apesar de aterrorizada, disse aos seus compatriotas:

— É um rapto. Para obterem resgates. Wasim diz para não terem...

— Cala-te — ordenou o beduíno alto em inglês. A seguir dirigiu-se a Wasim em árabe: — Isto não é um rapto.

O guia fechou os olhos e começou a rezar em voz alta.

Bulus ibn al-Darwish, o Leopardo, desembainhou a adaga curva e colocou-se por trás de Wasim. Com uma mão, puxou a cabeça do guia para trás, pelos cabelos, e com a outra passou a lâmina curva pela garganta dele. A seguir empurrou o homem para a frente.

Wasim caiu de bruços no chão de pedra do Templo da Lua e ficou imóvel, enquanto o seu sangue corria rapidamente e se espalhava pelas lajes quentes.

Os belgas olhavam horrorizados e alguns começaram a gritar, outros a chorar.

Entretanto, os homens armados obrigavam os belgas a ajoelhar-se, e o Leopardo encaminhou-se primeiro para Anette, colocando-se por trás dela, e disse-lhe:

— Para não teres de ver os outros morrer. — E com um gesto rápido puxou a cabeça dela para trás, pelos cabelos longos, e abriu-lhe a garganta com a adaga curva, e avançou para os outros.

Alguns gritaram ou imploraram misericórdia e outros debateram-se, apesar de ser inútil porque os homens da *jihad* seguravam-nos com firmeza enquanto o Leopardo lhes cortava a garganta. Alguns aceitaram o destino em silêncio. Apenas um rezava, uma mulher idosa que o Leopardo deixou para o fim, para que ela pudesse terminar as orações. Era interessante, pensou, ver como as pessoas morriam.

Em menos de dois minutos estava tudo terminado. Os nove infieis e Wasim, o criado deles, jaziam no chão do templo, com o sangue a correr livremente pelas pedras antigas.

Bulus ibn al-Darwish, Al-Numair, o Leopardo, observou os infieis enquanto, um por um, tinham o último estertor de morte e a seguir se imobilizavam.

Um deles, no entanto, o pai da jovem, levantou-se de súbito, ainda com os pulsos atados atrás das costas, e começou a correr pelos degraus de pedra abaixo. Rapidamente tropeçou, caiu de borco sobre as pedras, tombou pelos degraus e ficou imobilizado lá ao fundo.

O Leopardo disse para os seus homens da *jihad*:

— Espero que não se tenha aleijado.

Os homens riram-se.

O Leopardo olhou para a sua *jambiyah*, vermelha de sangue, e a seguir enfiou-a na bainha.

Pegou numa das câmaras dos turistas e olhou para as imagens digitais no pequeno ecrã, que o fizeram sorrir.

Chamou um dos seus homens, Mabeel, e passou-lhe a câmara para que tirasse fotografias da chacina.

O Leopardo olhou para os europeus mortos e disse:

— Então vocês vieram ao Iémem à procura de aventuras e de conhecimento. E encontraram ambos. Uma grande aventura final e um ótimo conhecimento sobre esta terra. Aprenderam que o Iémen traz a morte.